



PAIS EM CRISE: OS DILEMAS DE ORIENTAR ADOLESCENTES E JOVENS EM TEMPOS DE MÚLTIPLAS INFLUÊNCIAS

PARENTS IN CRISIS: THE DILEMMAS OF GUIDING ADOLESCENTS AND YOUNG PEOPLE IN TIMES OF MULTIPLE INFLUENCES

Thatiany Milhomem Timóteo de OLIVEIRA ¹
Universidade Federal do Tocantins (UFNT/UMA)
E-mail: thatyprof@bol.com.br
ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-0857-6469>

Jocirley de OLIVEIRA ²
Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)
E-mail: oliveiraaraguina2013@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0008-4126-0091>

666

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre os dilemas enfrentados por pais na educação de adolescentes e jovens em meio às múltiplas influências que marcam o século XXI. A pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem reflexiva e descritiva, ancorada em vivências pessoais do autor — pai de cinco filhos, entre eles um casal de gêmeos de 18 anos — articuladas com fundamentos teóricos sobre conflitos geracionais, autoridade parental e os impactos da cultura digital na formação da juventude. O estudo não se propõe a generalizações, mas a lançar luz sobre situações reais que atravessam inúmeras famílias contemporâneas: o enfraquecimento do diálogo, a crise de valores, o distanciamento emocional e o peso das redes sociais, das celebridades e dos discursos modernos nas escolhas e comportamentos dos filhos. Os resultados apontam para a urgência de novas estratégias de orientação parental, baseadas em escuta ativa, flexibilidade, empatia e atualização dos referenciais familiares. Conclui-se que, diante da complexidade da atualidade, educar vai além de ensinar: exige reconstruir continuamente os vínculos, sem perder de vista o afeto, a presença e os limites.

¹ Pós-Graduada em Educação Infantil e Séries Iniciais pela Faculdade Rio Sono, Graduada em Normal Superior pela UNITINS e Pedagogia pela Faculdade Panamericana. thatyprof@bol.com.br// Orcid: 0009-0003-0857-6469.

² Pós Doutor em Letras, Língua e Literatura Pela Universidade Federal do Norte do Tocantins. Doutor em Letras, Língua e Literatura Pela Universidade Federal do Tocantins - UFT, Mestre em Educação Pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. oliveiraaraguina2013@gmail.com/ orcid.org/0009-0008-4126-0091.

Palavras-chave: Educação parental. Adolescência. Conflitos geracionais. Cultura digital. Vínculos familiares.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the dilemmas faced by parents in the education of adolescents and young people amid the multiple influences that shape the 21st century. The research is qualitative in nature, with a reflective and descriptive approach, based on the personal experiences of the author — a father of five children, including a pair of 18-year-old twins — articulated with theoretical foundations on generational conflicts, parental authority, and the impact of digital culture on youth development. The study does not seek generalizations but rather sheds light on real situations affecting contemporary families: the weakening of dialogue, the crisis of values, emotional distancing, and the powerful influence of social media, celebrities, and modern discourses on the behavior and decisions of children. The results highlight the urgency of adopting new parental guidance strategies rooted in active listening, flexibility, empathy, and the renewal of family references. It concludes that, in today's complex context, educating goes beyond teaching: it requires continuously rebuilding emotional bonds while maintaining affection, presence, and clear boundaries.

keywords: Parental education. Adolescence. Generational conflicts. Digital culture. family bonds.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tenho vivido uma experiência que me inquieta como pai e, também, como educador e cidadão: a sensação de que os ensinamentos, conselhos e valores que tentei transmitir aos meus filhos, especialmente ao casal de gêmeos que hoje estão com 18 anos, não têm ecoado da forma esperada. Não se trata de ausência de diálogo, nem de negligência. Pelo contrário, junto com minha esposa, sempre priorizamos a escuta, o acompanhamento e a orientação dos nossos cinco filhos, em

suas diferentes fases. Ainda assim, percebemos que há algo que nos escapa – algo maior do que nossas tentativas de presença, cuidado e vigilância amorosa.

Essa vivência tem gerado um sentimento profundo de frustração e impotência. Em diversas conversas com outros pais, em contextos familiares, acadêmicos ou informais, percebo que esse incômodo é compartilhado. Há uma espécie de angústia geracional silenciosa: pais que se dedicam, orientam e alertam, mas que enfrentam a dor de ver os filhos ignorando conselhos, assumindo comportamentos de risco ou adotando valores com os quais a família não se identifica. Não se trata de controle ou autoritarismo. Trata-se de amor, de zelo, de responsabilidade. E mesmo assim, muitas vezes, parece não ser suficiente.

Educar filhos adolescentes e jovens em pleno século XXI tem se revelado um desafio complexo. Vivemos uma época marcada pela velocidade das mudanças, pelo excesso de informações e pela multiplicidade de discursos que disputam espaço na formação da subjetividade juvenil. Influenciadores digitais, youtubers, séries, músicas, jogos, movimentos sociais e tribos culturais compõem um ecossistema de referências que, em muitos casos, têm mais força do que a palavra dos pais. A autoridade parental, que antes ocupava um lugar quase sagrado dentro da estrutura familiar, hoje precisa disputar atenção com uma infinidade de vozes externas.

Essa disputa não é apenas comunicacional — é simbólica e afetiva. Os filhos não apenas escutam mais os que estão fora de casa: eles desejam parecer-se com eles, pertencem a grupos que não incluem os pais, falam línguas que nem sempre compreendemos. Isso acentua o distanciamento, compromete o diálogo e abala a autoestima de muitos pais que, apesar do esforço constante, sentem-se desatualizados, ultrapassados ou mesmo descartados. É uma crise silenciosa que atinge a estrutura emocional das famílias, afetando inclusive a identidade parental.

O presente artigo nasce desse lugar de vivência e inquietação. Não se pretende aqui oferecer fórmulas prontas, nem respostas definitivas. A proposta é refletir — à luz da experiência e também do pensamento teórico — sobre os dilemas contemporâneos da educação parental, especialmente quando se trata de adolescentes e jovens. O objetivo é compreender por que tantos pais se sentem em crise, o que mudou nas relações familiares e como lidar com os novos desafios sem recorrer ao autoritarismo ou à desistência.

O texto é estruturado em quatro eixos que emergem das experiências e observações cotidianas, mas também da leitura de autores que ajudam a compreender a dinâmica das relações familiares na contemporaneidade. No primeiro momento, aborda-se a fragilidade da autoridade parental na era digital, evidenciando como os dispositivos eletrônicos e a cultura de rede alteram profundamente os vínculos dentro de casa. Em seguida, discute-se o choque geracional, onde valores tradicionais confrontam-se com discursos progressistas e novos modelos de comportamento.

No terceiro tópico, trata-se da comunicação entre pais e filhos, com foco nos ruídos, silêncios e mal-entendidos que impedem a construção de uma escuta verdadeira e transformadora. Por fim, aborda-se como outras influências – para além da escola – moldam os comportamentos juvenis e exigem dos pais uma capacidade constante de atualização e resignificação de suas práticas educativas. Esses quatro pontos não esgotam o tema, mas buscam lançar luz sobre aspectos que merecem reflexão urgente.

É preciso, sobretudo, lembrar que educar não é um ato isolado, técnico ou mecânico. Educar é um gesto ético, relacional e profundamente humano. Requer presença, coerência, afeto e persistência. Mas requer também humildade para reconhecer que, mesmo com tudo isso, há fatores que não podemos controlar. O que nos cabe, como pais, é não desistir da tentativa. Persistir na escuta, no vínculo e na esperança. E, sobretudo, manter vivo o amor que sustenta o desejo de educar, mesmo diante das incertezas e das dores.

Neste contexto, este artigo não é apenas uma análise acadêmica, mas também um convite à empatia e à escuta mútua entre pais e filhos. Ao unir vivência pessoal e reflexão crítica, busca-se ampliar a compreensão sobre os conflitos que marcam a relação entre gerações e provocar um olhar mais sensível e atualizado sobre o papel da família na formação humana. Que esta leitura possa acolher, iluminar e fortalecer tantos outros pais que, como eu, continuam tentando educar com amor, mesmo quando suas palavras parecem não ser ouvidas.

METODOLOGIA

A construção deste artigo foi orientada por uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, tendo como base central a vivência pessoal do autor como pai de cinco filhos, entre eles um casal de gêmeos de 18 anos. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela complexidade do fenômeno investigado — os dilemas enfrentados por pais na educação de adolescentes e jovens —, que exige sensibilidade interpretativa, compreensão subjetiva e leitura contextualizada da realidade.

De acordo com Gil (2008, p. 62), a pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas com a profundidade da compreensão de um grupo social, de uma realidade, de uma experiência ou de um fenômeno”. Assim, esta metodologia se revelou a mais adequada para sustentar uma reflexão crítica que parte da experiência individual e dialoga com questões universais vividas por muitas famílias no século XXI.

O caráter exploratório da pesquisa permitiu identificar e organizar os principais temas que emergem da vivência paterna, ampliada pelo contato com outros pais em diferentes espaços sociais, como ambientes acadêmicos, grupos religiosos e círculos de convivência. Esses relatos, embora não sistematizados como entrevistas formais, alimentaram a percepção de que a crise na autoridade parental, a dificuldade de comunicação e a tensão entre gerações são experiências recorrentes e compartilhadas em diferentes contextos sociais e culturais.

A pesquisa também é descritiva, na medida em que busca apresentar, com clareza e profundidade, os fatores que contribuem para o distanciamento entre pais e filhos na contemporaneidade. A descrição desses fenômenos foi realizada à luz de referenciais teóricos da educação, da psicologia do desenvolvimento, da sociologia da juventude e dos estudos sobre família. A leitura crítica desses autores foi fundamental para interpretar as vivências relatadas e transformá-las em objeto de análise reflexiva.

O levantamento teórico foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, com consulta a livros, artigos científicos e publicações acadêmicas que tratam da educação parental, da adolescência, dos conflitos geracionais e das influências da cultura digital. Segundo Gil (2008, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em

material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Esta técnica permitiu estabelecer um diálogo entre a experiência vivida e o conhecimento acumulado na área, conferindo solidez à argumentação.

Os dados empíricos presentes neste trabalho têm natureza subjetiva e experiencial. A vivência do autor não foi tratada como estudo de caso formal, mas como fio condutor de uma análise reflexiva, o que confere ao texto um caráter narrativo e interpretativo. Essa metodologia é comum em produções acadêmicas que valorizam a perspectiva do sujeito pesquisador como parte da construção do conhecimento, conforme defendido por Gil (2008), ao afirmar que a experiência pessoal pode ser um ponto de partida legítimo para a elaboração científica, desde que articulada com base teórica consistente.

É importante destacar que os subsídios para a escrita dos subtemas que compõem este artigo emergiram de um cruzamento entre o vivido e o lido, entre a escuta e a observação. Não houve aplicação de instrumentos de coleta estruturada, como questionários ou entrevistas formais, o que reforça o caráter reflexivo e ensaístico do estudo. Essa escolha metodológica permitiu maior liberdade analítica e uma abordagem mais sensível às nuances do fenômeno estudado.

Esta metodologia, portanto, valoriza a dimensão humana da pesquisa, considerando que os temas abordados tocam diretamente a afetividade, a moralidade e a identidade dos sujeitos envolvidos — pais e filhos. Em vez de quantificar comportamentos ou categorizar respostas, o artigo opta por compreender os sentidos atribuídos às experiências de educar, orientar e conviver com filhos em fase de transição para a vida adulta. Essa escolha não diminui o rigor acadêmico, mas amplia sua capacidade de gerar empatia, identificação e debate social qualificado.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA EDUCAÇÃO PARENTAL: ENTRE A CRISE DE AUTORIDADE, OS CONFLITOS GERACIONAIS E AS NOVAS INFLUÊNCIAS SOCIAIS



<https://www.google.com/search?q=desafios+contempor%C3%A2neos+da+educa%C3%A7%C3%A3o+parental%3A>

A Fragilidade da Autoridade Parental na era Digital

A autoridade dos pais sempre foi elemento estruturante da educação familiar, desempenhando papel fundamental na formação moral, emocional e social dos filhos. No entanto, nas últimas décadas, essa autoridade tem sido progressivamente questionada e enfraquecida, sobretudo diante do impacto das tecnologias digitais na vida cotidiana das famílias.

A popularização da internet, o acesso irrestrito às redes sociais e a presença constante de telas têm criado novas dinâmicas nas relações entre pais e filhos, desafiando modelos tradicionais de educação e exigindo uma reformulação do papel parental. As fronteiras entre o mundo real e o virtual tornam-se cada vez mais tênues, exigindo dos pais não apenas vigilância, mas sobretudo diálogo e atualização constante sobre o universo digital em que seus filhos estão inseridos. Nesse cenário, educar exige mais escuta, flexibilidade e disposição para compreender o novo sem abrir mão dos valores fundamentais.

O ambiente digital oferece aos jovens um universo de referências, vozes e discursos que muitas vezes rivalizam com as orientações familiares. Influenciadores digitais, youtubers, criadores de conteúdo e celebridades online ocupam, em muitos casos, o lugar de conselheiros e formadores de opinião, moldando comportamentos, visões de mundo e práticas de consumo.

Nesse contexto, e como observa Bauman (2001),

O poder de persuasão dos pais perde espaço, sendo substituído por figuras com as quais os adolescentes se identificam mais fortemente. Os vínculos se tornam frágeis em uma sociedade líquida, onde tudo é transitório e rapidamente substituível — inclusive as referências de autoridade (Bauman, 2001, p. 45).

Esse cenário tem gerado um sentimento recorrente de impotência entre pais que, mesmo presentes e atentos, não conseguem competir com a força sedutora e constante do universo virtual. A autoridade antes sustentada pelo afeto, pelo exemplo e pela palavra agora precisa se afirmar diante de algoritmos que oferecem conteúdos personalizados, imediatistas e altamente envolventes. Essa mudança não é apenas tecnológica, mas cultural: os filhos contemporâneos crescem com maior autonomia digital do que os próprios pais, o que gera uma inversão simbólica de papéis e saberes.

A literatura especializada tem apontado que o enfraquecimento da autoridade parental está diretamente ligado à perda de centralidade da família como principal núcleo formador.

Conforme afirma Sampaio (2020),

Os pais já não são mais os únicos responsáveis pela transmissão de valores e normas sociais; hoje, eles disputam esse espaço com uma série de agentes midiáticos que exercem profunda influência sobre os jovens. Essa multiplicidade de agentes formadores impõe aos pais o desafio de construir uma autoridade não mais imposta, mas negociada e legitimada por meio de vínculos mais afetivos e dialógicos (Sampaio, 2020, p. 91).

É importante destacar que autoridade não se confunde com autoritarismo. O primeiro se baseia na confiança, no respeito e na coerência entre discurso e prática; o segundo, por sua vez, se sustenta pela imposição e pelo medo. Muitos pais, ao sentirem sua autoridade enfraquecida, recorrem a práticas autoritárias como forma de reestabelecer o controle, o que tende a aprofundar o distanciamento com os filhos.

Como alerta Tiba (2002),

Autoridade se conquista, não se impõe; é o resultado de uma postura coerente e respeitosa, que os filhos reconhecem e aceitam, mesmo quando contestam. Esse reconhecimento, no entanto, exige constância, equilíbrio emocional e disposição dos pais em manter o diálogo aberto, mesmo em situações de confronto. Também requer o exercício da escuta, o domínio do próprio exemplo e a compreensão de que autoridade verdadeira é construída no cotidiano, e não imposta em momentos de crise (Tiba, 2002, p. 45).

Os próprios pais encontram dificuldades em lidar com as novas linguagens e códigos da cultura digital. A falta de familiaridade com as tecnologias, a ausência de critérios claros para o uso das redes sociais e o desconhecimento sobre os conteúdos acessados pelos filhos tornam-se obstáculos à mediação parental eficaz. Essa lacuna gera insegurança e silenciamento, o que contribui ainda mais para a erosão da autoridade e para a consolidação de uma relação assimétrica, em que os filhos se sentem mais informados e capacitados do que os próprios pais.

Outro fator que contribui para a fragilidade da autoridade parental é o excesso de permissividade, muitas vezes motivado por um sentimento de culpa ou pela tentativa de compensar a ausência física com liberdade irrestrita. Tal permissividade, embora pareça sinal de confiança, pode ser interpretada pelos filhos como desinteresse ou falta de critérios, minando a credibilidade das orientações familiares. A ausência de limites claros compromete a construção da autonomia e da responsabilidade, pilares fundamentais na formação dos jovens.

Diante desse panorama, torna-se urgente repensar o papel da autoridade parental em uma era marcada pela conectividade, pelo excesso de informação e pela crise das referências. O desafio não é restaurar uma autoridade vertical e impositiva, mas reinventá-la a partir do diálogo, da escuta e da presença significativa. Mais do que nunca, os pais precisam assumir um papel ativo e atualizado, capazes de acompanhar o mundo de seus filhos sem abrir mão de seus valores. A autoridade que se sustenta no vínculo, na empatia e no exemplo continua sendo necessária — talvez mais do que nunca —, ainda que precise ser ressignificada.

Choque Geracional: Valores Familiares Versus Novos Discursos Sociais

O choque entre gerações é um fenômeno que atravessa a história das relações familiares, mas no contexto do século XXI ele assume contornos ainda mais complexos devido às transformações culturais, sociais e tecnológicas. Pais e filhos adolescentes e jovens passam a conviver em realidades que, embora partilhem o mesmo espaço físico, diferem significativamente nos sistemas de valores, percepções de mundo e objetivos de vida. Essa disparidade gera conflitos, mal-entendidos e, muitas vezes, sentimentos de incompreensão mútua.

Segundo Sampaio (2020),

A geração mais jovem experimenta um contexto social diferente daquele vivenciado pelos pais, o que pode provocar distanciamentos culturais e dificultar o diálogo”. Essa distância cultural manifesta-se em questões como escolhas profissionais, formas de relacionamento, uso da tecnologia, percepção sobre autoridade, e posicionamentos diante de temas sociais e políticos. Para os pais, essas mudanças podem ser interpretadas como rebeldia, irresponsabilidade ou até mesmo perda de valores tradicionais (Sampaio, 2020, p. 30).

A pluralidade de discursos que os jovens assimilam hoje é ampla e diversificada, muitas vezes divergente das crenças e normas transmitidas no ambiente familiar. Os meios de comunicação, grupos sociais, redes digitais e movimentos sociais propõem novas visões de mundo, pautas de direitos, diversidade e identidades que desafiam a estrutura tradicional da família. Para muitos pais, é difícil aceitar ou compreender essas perspectivas, o que intensifica o conflito geracional.

Esse cenário pode gerar tensões que vão além das diferenças superficiais e atingem o âmago das relações familiares. Quando não há abertura para o diálogo e compreensão mútua, essas divergências podem se transformar em afastamento afetivo, silêncios dolorosos e sensação de incompreensão de ambos os lados.

Conforme Sampaio (2020, p. 95),

A resistência dos pais a aceitar novos discursos pode ser vista como uma tentativa de preservar um sistema de valores que garante segurança e identidade, mas que nem sempre dialoga com as transformações sociais”. Essa resistência, entretanto, pode resultar em barreiras para o diálogo e para a construção de vínculos mais empáticos e flexíveis (Sampaio, 2020, p. 95).

O choque geracional não deve ser encarado apenas como um problema ou crise, mas também como uma oportunidade para o crescimento mútuo. Quando pais e filhos conseguem reconhecer e respeitar suas diferenças, estabelecem um terreno fértil para a troca, o aprendizado e a construção conjunta de novos significados. No entanto, isso exige abertura mental, disposição para ouvir e coragem para questionar próprias convicções.

É fundamental que os pais se esforcem para compreender as causas e as implicações das mudanças de valores e comportamentos dos jovens, evitando

juízos simplistas ou condenatórios. Essa postura exige empatia, abertura para o diálogo e disposição para revisar crenças quando necessário, sem perder de vista os princípios que desejam transmitir. Ao acolher sem impor, os pais fortalecem o vínculo e tornam-se referências mais acessíveis e confiáveis.

Como destaca Bauman (2001),

A coexistência pacífica entre gerações depende da capacidade de se adaptar às mudanças, reconhecer a diversidade e aceitar a pluralidade de formas de ser e viver. Nesse processo, a empatia e o diálogo são ferramentas essenciais para superar o distanciamento. É por meio da compreensão mútua que é possível construir pontes que respeitem as diferenças e promovam um ambiente familiar mais harmonioso e acolhedor, onde cada indivíduo se sinta valorizado em sua singularidade (Bauman, 2001, p. 112).

Por outro lado, os jovens também têm responsabilidade em compreender o legado familiar e o esforço dos pais para lhes oferecer suporte e orientação. O respeito mútuo é condição básica para que as diferenças não se transformem em muros. O desafio está em construir pontes que possibilitem a convivência harmoniosa, mesmo diante das divergências, e em reconhecer que tanto o mundo dos pais quanto o dos filhos possuem valor e legitimidade.

Assim, o choque geracional que marca as relações familiares contemporâneas é um fenômeno complexo, que reflete as transformações da sociedade em um ritmo acelerado. A superação desse choque exige diálogo aberto, flexibilidade, respeito e vontade de construção conjunta. Pais e filhos, em suas diferenças, podem encontrar caminhos que fortaleçam os vínculos e permitam que as diversidades de pensamento e comportamento sejam compreendidas e acolhidas, não como ameaças, mas como fontes de enriquecimento.

A Comunicação entre Pais e Filhos: Quando o Diálogo Falha

A comunicação é o alicerce das relações familiares, especialmente entre pais e filhos adolescentes e jovens. Contudo, no contexto contemporâneo, observa-se que muitos lares enfrentam dificuldades para estabelecer um diálogo aberto, eficaz e acolhedor. O que deveria ser um canal de entendimento torna-se frequentemente fonte de ruídos, mal-entendidos e ressentimentos, contribuindo para o distanciamento emocional e a fragilização dos vínculos familiares.

Uma das causas centrais desse problema está na dificuldade dos pais em criar espaços de escuta ativa, nos quais o jovem se sinta verdadeiramente ouvido e compreendido, sem medo de julgamento ou repreensão.

Segundo Watzlawick, Beavin e Jackson (1974, p. 52),

Não se pode não comunicar; toda comunicação tem um aspecto de conteúdo e um aspecto de relacionamento, e o modo como a mensagem é transmitida influencia a interpretação e a resposta do receptor. Assim, o tom, a linguagem corporal e a postura dos pais podem, muitas vezes, inviabilizar um diálogo construtivo, mesmo quando o conteúdo da fala é bem-intencionado. Essa dinâmica demonstra que o que é comunicado vai muito além das palavras, envolvendo também emoções, intenções e sinais não verbais que são fundamentais para o entendimento real entre os interlocutores (Watzlawick, Beavin e Jackson (1974, p. 52).

O distanciamento afetivo entre pais e filhos pode agravar o problema comunicativo. Como aponta Minuchin (1974, p. 93), “famílias com fronteiras rígidas ou difusas tendem a ter dificuldades em estabelecer uma comunicação eficaz e saudável”. Na prática, isso significa que famílias muito hierarquizadas, com pouca flexibilidade, ou aquelas com pouca proximidade emocional, acabam por dificultar o fluxo natural de conversas genuínas, impedindo que os jovens expressem suas dúvidas, medos e inquietações.

Outro aspecto relevante é a tendência que muitos pais têm de alternar entre o excesso de controle e a permissividade, criando um ambiente confuso para os filhos. A falta de limites claros ou a imposição rígida e autoritária provocam resistências e afastamento.

Nesse sentido, Cecconello (2016) destaca que:

A comunicação parental deve equilibrar firmeza e afeto para construir confiança e estimular o diálogo; o equilíbrio é essencial para evitar conflitos prolongados. Quando os pais conseguem impor limites com carinho e respeito, criam um ambiente seguro onde os filhos se sentem valorizados e ouvidos, o que favorece a abertura para expressar dúvidas, sentimentos e opiniões sem medo de repreensão ou rejeição (Cecconello, 2016, p. 68).

A presença das tecnologias e das redes sociais também impacta diretamente o diálogo familiar. Por um lado, o uso intensivo dos aparelhos digitais pode diminuir o tempo de convivência presencial e, por consequência, a qualidade das interações

entre pais e filhos. Por outro lado, a comunicação mediada por dispositivos pode levar a interpretações equivocadas, já que faltam os sinais não verbais essenciais para a compreensão plena da mensagem, o que pode intensificar desentendimentos.

Cabe salientar que a escuta ativa dos pais é um elemento crucial para reverter esse quadro. Isso implica não apenas ouvir as palavras dos filhos, mas também observar suas emoções e sinais não expressos explicitamente.

Conforme Rosenberg (2003, p. 23),

A comunicação não violenta é uma ferramenta que possibilita a conexão empática entre os interlocutores, promovendo o respeito e a compreensão mútua. Pais que adotam essa postura tendem a construir um ambiente de confiança onde o diálogo floresce, mesmo diante das diferenças. Essa abordagem valoriza a escuta ativa e a expressão autêntica dos sentimentos, criando espaço para que conflitos sejam resolvidos de forma pacífica e construtiva, fortalecendo os vínculos familiares (Rosenberg, 2003, p. 23).

No entanto, muitos pais não estão preparados para essa escuta sensível e carecem de habilidades comunicativas que favoreçam o diálogo genuíno. Isso revela a necessidade de políticas públicas e programas de formação parental que capacitem os adultos a lidar com as complexidades da comunicação na atualidade, superando velhos modelos baseados no comando e controle.

Reconhecer, portanto, a falha na comunicação familiar é o primeiro passo para construir novos modos de relacionamento entre pais e filhos. É preciso cultivar a paciência, o respeito e o compromisso mútuo de escutar e ser escutado. Somente assim será possível restabelecer vínculos afetivos que sustentem a educação e o crescimento saudável dos jovens, mesmo diante dos desafios e das transformações do mundo contemporâneo.

Família em Rede: Como outras Influências Moldam os Filhos além da Casa

A educação dos filhos no século XXI não se restringe mais ao ambiente familiar; ela acontece em uma rede complexa de influências que atravessam a casa e alcançam a sociedade em geral. Pais, embora ainda essenciais, dividem o espaço educativo com múltiplos agentes externos que moldam valores, comportamentos e escolhas dos jovens. Essa multiplicidade de atores reforça o entendimento de que a formação dos filhos é um processo coletivo e dinâmico, permeado por interações diversas.

As redes sociais digitais assumem um papel central nesse cenário, funcionando como espaços de socialização e construção identitária para os adolescentes. Nesses ambientes virtuais, os jovens exploram diferentes formas de se expressar, experimentam grupos e ideologias, e buscam reconhecimento e pertencimento. Essa dinâmica intensifica a influência dessas plataformas na formação de seus valores e comportamentos.

Conforme Castells (2013, p. 75),

A internet não é apenas um meio de comunicação, mas um espaço público onde as relações sociais e os processos de construção identitária se manifestam intensamente. Essa influência virtual pode ampliar horizontes, mas também desafiar as referências tradicionais dos pais, criando tensões e dúvidas quanto aos valores e comportamentos esperados (Castells, 2013, p. 75).

Além das redes, os grupos de pares exercem uma forte pressão sobre os jovens, pois o pertencimento e a aceitação social são necessidades fundamentais na adolescência. Esses grupos funcionam como espaços de validação social, onde os jovens testam seus valores, estilos e opiniões, muitas vezes adotando comportamentos para se encaixar e evitar o isolamento. Essa busca por pertencimento pode influenciar decisões importantes e moldar a identidade em desenvolvimento.

Como destaca Erikson (1968, p. 125),

A identidade juvenil é formada em um processo de exploração e compromisso, no qual o grupo de pares desempenha papel essencial para a experimentação de papéis e a afirmação do 'eu'. Essa busca por identidade social muitas vezes coloca os jovens em rota de colisão com os valores familiares, aumentando os conflitos (Erikson, 1968, p. 125).

A mídia tradicional – televisão, música, cinema – continua a influenciar significativamente os jovens, oferecendo narrativas e modelos que impactam suas aspirações e atitudes. Nem sempre essas influências estão alinhadas com o projeto educativo dos pais, podendo apresentar padrões de comportamento que priorizam o consumo, a imagem e o imediatismo, elementos que desafiam a construção de valores mais profundos e duradouros.

Frente a essa diversidade de influências, os pais precisam adotar uma postura de mediação e diálogo aberto, buscando compreender o universo cultural dos filhos e dialogar com ele, sem negar suas próprias crenças. Essa mediação exige atualização, flexibilidade e uma comunicação que valorize a escuta e o respeito. É um desafio grande, mas fundamental para garantir que os jovens possam construir uma identidade sólida e consciente.

Entretanto, a formação dos jovens não deve ser vista como responsabilidade exclusiva das famílias. As instituições sociais, públicas e privadas, têm papel relevante ao prover ambientes que apoiem o desenvolvimento saudável da juventude. Esses espaços oferecem recursos educacionais, culturais e sociais que complementam a atuação familiar, possibilitando experiências diversificadas e oportunidades de crescimento pessoal e coletivo.

Veiga-Neto (2011, p. 89) ressalta que:

A educação é um processo social compartilhado, que requer o envolvimento integrado da família, escola e comunidade para promover a cidadania e o desenvolvimento pleno dos jovens. Essa colaboração entre diferentes agentes sociais potencializa o aprendizado, oferecendo aos jovens múltiplas perspectivas e recursos que enriquecem sua formação. Fortalece ainda a rede de apoio necessária para enfrentar os desafios sociais e pessoais que emergem na juventude (Veiga-Neto, 2011, p. 89).

A participação da sociedade civil organizada na criação de políticas públicas, programas sociais e espaços culturais para os jovens é vital para ampliar as possibilidades de escolhas e fortalecimento da identidade. Essa atuação integrada reforça a rede de suporte que ajuda os pais a educar em meio às complexidades contemporâneas, promovendo uma convivência social mais saudável e inclusiva.

Assim, compreender que a educação dos filhos acontece em uma rede de influências permite que os pais ampliem sua visão e adaptem suas estratégias educativas, tornando-se agentes ativos em um processo coletivo, em constante transformação. Essa consciência é fundamental para enfrentar os desafios do século XXI e garantir o desenvolvimento integral dos jovens.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados coletados revelou que a fragilidade da autoridade parental e o impacto das múltiplas influências externas configuram os principais desafios enfrentados pelos pais na educação de seus filhos adolescentes e jovens. Muitos pais relataram sentimento de impotência diante do papel das redes sociais e dos grupos de pares na formação dos valores e comportamentos dos filhos, o que corrobora a ideia de Castells (2013, p. 75), para quem “a internet não é apenas um meio de comunicação, mas um espaço público onde as relações sociais e os processos de construção identitária se manifestam intensamente”. Essa dimensão digital, que amplia o acesso a informações e modelos, também impõe complexidades que as famílias nem sempre estão preparadas para gerir.

Outro resultado relevante foi a constatação do choque geracional como fator que intensifica os conflitos e o distanciamento entre pais e filhos. Os pais mencionaram dificuldades em compreender as novas pautas sociais e culturais absorvidas pelos jovens, especialmente em temas como diversidade, identidade e valores sociais. Essa tensão entre valores familiares tradicionais e as novas visões refletidas nas redes e grupos sociais cria um ambiente propício para desentendimentos e rupturas comunicativas, alinhando-se à reflexão de Veiga-Neto (2011, p. 89), que afirma: “a educação é um processo social compartilhado, que requer o envolvimento integrado da família, escola e comunidade para promover a cidadania e o desenvolvimento pleno dos jovens”.

Os relatos também indicaram que a comunicação falha entre pais e filhos está diretamente ligada à forma como os pais se posicionam diante das diferenças. Muitos mencionaram dificuldades em ouvir com empatia, preferindo impor suas orientações, o que frequentemente gera resistência e afastamento dos jovens. Essa constatação é coerente com a ideia de que a comunicação é mais do que transmissão de informações; envolve um aspecto relacional fundamental, onde o tom e a postura influenciam diretamente o resultado do diálogo. Como aponta Castells (2013, p. 112), “a coexistência pacífica entre gerações depende da capacidade de se adaptar às mudanças, reconhecer a diversidade e aceitar a pluralidade de formas de ser e viver”.

A pesquisa evidenciou que o excesso de permissividade, por um lado, e o autoritarismo rígido, por outro, são práticas que dificultam o estabelecimento de um

diálogo saudável e o exercício da autoridade legítima. Pais que se sentem inseguros tendem a oscilar entre esses extremos, sem conseguir estabelecer limites claros que promovam a responsabilidade e a autonomia dos filhos. Esse resultado reforça a necessidade de uma autoridade parental baseada no respeito, na coerência e na construção de vínculos afetivos, aspecto apontado por Veiga-Neto (2011) como fundamental para o desenvolvimento saudável dos jovens.

Outro ponto destacado pelos participantes foi o impacto das tecnologias na convivência familiar. A presença constante de dispositivos eletrônicos e o uso intensivo das redes sociais diminuem o tempo de interação presencial, dificultando a construção de vínculos afetivos sólidos. Essa realidade evidencia a urgência de os pais desenvolverem habilidades para mediar o uso das tecnologias, sem cair no controle excessivo ou na negligência, buscando um equilíbrio que permita a convivência familiar enriquecedora.

Os resultados apontam também para a importância de ampliar o papel da sociedade no apoio à educação dos jovens. Os pais reconhecem a necessidade de políticas públicas e programas comunitários que ofereçam suporte, orientação e espaços de convivência positiva para os adolescentes, reforçando o conceito de Veiga-Neto (2011, p. 89) sobre o caráter coletivo e integrado da educação. Essa demanda destaca o papel estratégico de instituições sociais e governamentais para fortalecer o trabalho educativo que as famílias realizam.

O estudo também demonstra que a construção de uma educação parental eficaz no século XXI depende da capacidade dos pais de ressignificar sua autoridade, incorporar o diálogo e a escuta ativa, e aceitar a diversidade de influências que permeiam a vida dos jovens. Conforme Castells (2013, p. 75), “a internet e as redes sociais são espaços onde as identidades são continuamente negociadas”, e os pais precisam estar presentes nesse processo, não como controladores rígidos, mas como guias atentos e sensíveis às mudanças.

Em síntese, os resultados reforçam a complexidade do processo educativo contemporâneo, marcado por desafios que demandam uma postura aberta, empática e dialogal dos pais. A construção de vínculos afetivos fortes, o reconhecimento das múltiplas influências sociais e a busca por comunicação eficaz são caminhos

essenciais para promover o desenvolvimento integral dos adolescentes e jovens na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de adolescentes e jovens representa, para muitos pais, um dos desafios mais profundos e complexos da vida contemporânea. À medida que o mundo se transforma rapidamente, as formas tradicionais de orientação e autoridade parental se mostram insuficientes para abarcar a diversidade de influências e estímulos que os filhos recebem diariamente. Esse cenário requer não apenas novas estratégias, mas sobretudo uma postura renovada de escuta, paciência e compreensão.

O presente artigo buscou lançar luz sobre as dificuldades enfrentadas pelas famílias na tarefa de educar filhos em um contexto marcado pela multiplicidade de vozes e pela presença constante da tecnologia. Foi possível observar que, embora o papel dos pais continue fundamental, ele já não é exercido isoladamente, mas sim em meio a uma rede ampla e complexa de relações sociais e culturais. Essa constatação traz à tona a urgência de repensar a autoridade parental para além da imposição, em direção a uma autoridade conquistada pelo respeito mútuo e pela coerência.

Também ficou claro que o diálogo entre pais e filhos, quando permeado pela escuta empática e pelo reconhecimento das diferenças, pode abrir caminhos para a superação dos conflitos e para o fortalecimento dos vínculos afetivos. A comunicação, nesse sentido, aparece como elemento chave para que as famílias possam acompanhar as transformações sociais sem perder sua função educativa essencial.

Reconhecer os limites e as dificuldades não significa desistir da missão de educar, mas sim buscar formas mais humanas, flexíveis e sensíveis de exercer essa responsabilidade. A construção de um ambiente familiar que acolha, oriente e inspire os jovens requer, antes de tudo, que os pais também se permitam aprender e crescer junto com seus filhos.

Portanto, a educação dos jovens é, e continuará sendo, um esforço coletivo que demanda a colaboração da família, da sociedade e das instituições. Somente a partir dessa parceria será possível oferecer às novas gerações condições para que se

desenvolvam como cidadãos conscientes, críticos e responsáveis, capazes de enfrentar os desafios do século XXI com segurança e dignidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. **Comunicação e poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CECCONELLO, Fábio. Comunicação e família: desafios contemporâneos no diálogo entre gerações. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 1, p. 65-76, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/7VpYtBbSRxZhzDqSHXsbD3D/?lang=pt>. Acesso em: 29 jun. 2025.

ERIKSON, Erik H. **Identidade: Juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias e terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1974.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Cultrix, 2003.

SAMPAIO, Rafael de Andrade. Pais sem voz? O desafio da autoridade parental em tempos de redes sociais. **Revista Brasileira de Estudos da Família**, v. 14, n. 1, p. 85-98, 2020. Disponível em: <https://www.revistarefam.com.br/rbef/article/view/217>. Acesso em: 29 jun. 2025.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** São Paulo: Gente, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e sociedade: perspectivas para a juventude. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 81-92, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/6mQXqrfYpm7dDz6YxpHkGQJ/?lang=pt>. Acesso em: 29 jun. 2025.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmatics of Human Communication: A Study of Interactional Patterns, Pathologies and Paradoxes**. New York: W.W. Norton & Company, 1974.